

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

**RODRIGO PESSIN**

**INVESTIDORES INDIVIDUAIS:**  
**Uma análise do conhecimento dos investidores pessoa física**

**São Leopoldo**

**2021**

RODRIGO PESSIN

**INVESTIDORES INDIVIDUAIS:**

**Uma análise do conhecimento dos investidores pessoa física**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para obtenção  
do título de Bacharel em Administração,  
pelo Curso de Administração de Empresas  
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
– UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. João Zani

São Leopoldo

2021

Dedico esse trabalho aos meus pais, Lizane e Roberto, e a minha irmã, Roberta, que sempre foram minha maior fonte de motivação.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a minha família, por terem me proporcionado cursar uma graduação e pela paciência e incentivo durante as horas difíceis.

A minha companheira, Carol, que foi de extrema importância em me manter motivado e focado para que esse trabalho fosse possível.

Agradeço aos Prof. Dr. João Zani e Prof. Thobias Bassotto Zani por toda instrução e apoio durante a orientação desse trabalho.

Aos participantes que disponibilizaram algum tempo para responder a minha pesquisa.

E a todos que fizeram parte direta ou indiretamente da minha formação, o meu reconhecimento e agradecimento.

## RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar a relação entre o aumento de novos investidores individuais com os processos e as ferramentas atreladas a educação financeira. Para fundamentar a teoria foram utilizados conceitos sobre educação financeira, processos e produtos de investimentos, e os instrumentos disponíveis que auxiliam a tomada de decisão dos investidores. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionário online com alguns alunos dos cursos da escola de Gestão e Negócios da Unisinos. O resultado mostrou que os pequenos investidores têm sido autônomos na busca pela educação financeira, e que as mídias sociais têm desempenhado um grande papel na disseminação do tema, sendo uma forte influência para atrair mais pessoas para o mundo dos investimentos, auxiliando também no processo decisório desses investidores.

**Palavras-chave:** Educação financeira, investimentos, investidores individuais, mídias sociais, processo decisório.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura do processo de investimentos .....	20
Figura 2 - Risco x Retorno .....	23

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero.....	33
Gráfico 2 – Faixa etária .....	34
Gráfico 3 – Escolaridade .....	35
Gráfico 4 – Fontes de conhecimento teórico .....	36
Gráfico 5 – Renda mensal.....	37
Gráfico 6 – Produtos financeiros utilizados .....	38
Gráfico 7 – Critérios relevantes para os investidores .....	39
Gráfico 8 – Porcentagens de alocação Renda Variável .....	40
Gráfico 9 – Porcentagens de aplicação na poupança .....	41
Gráfico 10 – Porcentagens de aplicação em Renda Fixa .....	42
Gráfico 11 – Porcentagens de alocação em outros tipos de investimentos .....	42
Gráfico 12 – Fontes de informações para tomada de decisão .....	43
Gráfico 13 – Tomada da decisão com base nas informações obtidas .....	47
Gráfico 14 – Plataformas utilizadas.....	48
Gráfico 15 – Frequência de operações .....	49
Gráfico 16 – Objetivos dos investidores com o uso de investimentos.....	50

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Principais investimentos e seus atributos.....	25
Tabela 2 - Páginas / Canais de mídias sociais.....	45
Tabela 3 - Agrupamento de canais de redes sociais.....	46



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Horizontes de tempo de objetivos .....	22
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1.1 Definição do Problema</b> .....	<b>13</b>
<b>1.2 Delimitações do Trabalho</b> .....	<b>13</b>
<b>1.3 Objetivos</b> .....	<b>14</b>
1.3.1 Objetivo Geral .....	14
1.3.2 Objetivos Específicos .....	14
<b>1.4 Justificativa</b> .....	<b>14</b>
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>15</b>
<b>2.1 Educação Financeira</b> .....	<b>15</b>
2.1.2 Conteúdo Online .....	18
<b>2.2 Investimentos</b> .....	<b>19</b>
2.2.1 Renda Fixa e Renda Variável.....	21
2.2.2 Instrumentos de investimentos .....	21
2.2.3 Tipos de investimentos.....	25
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>28</b>
<b>3.1 Delineamento</b> .....	<b>28</b>
<b>3.2 Técnicas de Coleta de Dados</b> .....	<b>29</b>
<b>3.3 Técnicas de Análise de Dados</b> .....	<b>30</b>
<b>4 RESULTADOS</b> .....	<b>32</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>
<b>APÊNDICE I – PLANILHA DE RESPOSTAS</b> .....	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em finanças e economia, investimento financeiro é uma operação de compra e venda de um ativo financeiro. O objetivo de um investimento é o de se obter lucro ao final da operação através da restituição do valor investido, acrescido de rendimentos que se caracterizem como ganhos de capital (lucros), capazes de repor o valor de compra da moeda perdido com a inflação durante o período investido.

Para investir, é imprescindível uma base de conhecimento que possa fundamentar as decisões a serem tomadas perante as peculiaridades dos diferentes tipos de investimentos, tais como seus riscos, prazos e rendimentos. No caso do investidor individual (pessoa física), a educação financeira é o alicerce para um devido gerenciamento e controle das finanças pessoais. A combinação do conhecimento com o controle permite que este investidor possa diversificar sua fonte de renda, não dependendo exclusivamente de uma única fonte, como seu salário, por exemplo. (GITMAN, 2010).

Em 2020, em plena pandemia, a bolsa de valores do Brasil registrou um número histórico de brasileiros que optaram por investir seu dinheiro. Com mais de 900.000 novos cadastros de pessoas físicas, segundo a revista *Veja* (2020), a marca recorde dos 3 milhões de investidores foi atingida, trazendo uma renovação no perfil do investidor brasileiro em meio a um cenário até então dominado por estrangeiros, instituições financeiras e empresas. Conforme dados divulgados pela B3 (2020), este novo perfil traz um crescimento de mais de 90% no número de mulheres em comparação ao ano de 2019, sendo o gênero feminino responsável por cerca de 25% do número total de cadastros na bolsa. Quase 40% dos investidores estão localizados no estado de São Paulo e mais da metade dos investidores têm entre 26 e 45 anos, porém são os investidores acima de 66 anos que compõem a maior parte do capital investido, representando aproximadamente 1/3 de todo o valor aplicado.

De acordo com Gueratto (2020), do portal de investimentos do jornal *Estadão*, o E-Investidor, a saída do investidor estrangeiro ocorreu em dois momentos por motivos distintos: a primeira aconteceu no final do ano de 2019 e início de 2020, aonde a alta valorização da bolsa fez com que estes investidores buscassem a realização dos lucros; a segunda foi durante 2020 com o início da pandemia em um país que já enfrentava uma crise política, fatores que geram um aumento no risco e causam

aversão neste tipo de investidor, que tem o costume de investir em países com alta perspectiva de crescimento e riscos baixos.

Por outro lado, o mesmo portal aborda que o aumento dos pequenos investidores vem em uma crescente nos últimos anos devido a fatores como, os diversos novos veículos de comunicação que abordam o assunto nas mídias digitais, e o surgimento das Fintechs e dos bancos digitais. Além disso, a projeção de recuo em 10% do PIB e o aumento do desemprego estimado em atingir mais 5 milhões de trabalhadores, demonstram a força da crise econômica enfrentada no país, colocando a taxa básica de juros (Selic) em queda contínua, atingindo seu patamar mais baixo dos últimos anos. Com isto, os investimentos em renda fixa – que são os preferidos dos brasileiros com o maior volume de recursos aplicados – como a poupança, acabam por não atender mais as necessidades de quem poupa dinheiro, uma vez que os mesmos rendem menos do que a própria inflação, acarretando na desvalorização do dinheiro ao longo do tempo.

Contudo, mesmo diante de tal evolução, o contexto do assunto ainda não é nada favorável no Brasil. Com números alarmantes, o país está entre um dos piores do mundo no quesito. De acordo com Sperandio (2020), do jornal Gazeta do Povo, o levantamento feito pelo Banco Mundial aponta que apenas 3,64% da população economiza algum dinheiro pensando na sua aposentadoria, ficando cerca de 7 pontos percentuais abaixo da média da América Latina.

Segundo a pesquisa anual do Raio X do investidor brasileiro, realizada pela Anbima, 38% da população economicamente ativa conseguiu economizar algum dinheiro em 2019, representando um crescimento de 6% comparado ao resultado da primeira edição em 2017, sendo que a maior parte dos investidores ainda investe seu dinheiro em investimentos que não são rentáveis, do ponto de vista econômico; 89% utilizam a caderneta de poupança. Com relação ao conhecimento, 54% dos entrevistados disseram conhecer algum tipo de investimento, um aumento de apenas 2% em relação à 2017, o que é mais preocupante ainda do ponto de vista da educação financeira.

Em novembro de 2020, o Banco Central do Brasil (BACEN) fez o lançamento de uma nova alternativa eletrônica para a realização de pagamentos e transferências, denominada de Pix. A empresa de pagamentos online PayPal realizou uma pesquisa para validar o conhecimento dos brasileiros sobre a nova tecnologia, e o resultado

mostrou que apenas 15% dos entrevistados dizem ter conhecimento sobre o que é e como funciona a nova alternativa. Além do Pix, a entrevista ainda ponderou outras novidades ligadas à inovação na área financeira, como o conceito de open banking (sistema bancário aberto), sob o qual cerca de metade dos cidadãos diz não ter ideia sobre o que se trata.

Conforme dados levantados a partir do estudo “O Bolso do Brasileiro” (2020), realizado pelo Instituto Locomotiva em parceria com a escola de educação financeira da XP, a Xpeed, 9 em cada 10 brasileiros passaram a dar mais importância para a educação financeira e para as finanças pessoais com a pandemia do covid-19, quando 70% perceberam não ter uma renda suficiente para suprir seu custo de vida, e 41% não dispõem de uma reserva de emergência para despesas inesperadas. Cerca de 47% dos entrevistados disseram se preocupar mais com o futuro devido ao coronavírus e 41% já começou a pesquisar mais sobre o tema.

### **1.1 Definição do Problema**

A origem do presente estudo decorre de um cenário específico: mesmo atingindo a marca dos 3 milhões de investidores na bolsa, isto ainda representa menos de 2% da população brasileira, enquanto que nos EUA, por exemplo, 55% da população têm seu dinheiro aplicado na bolsa de valores americana, segundo o site Investing (2020). Ou seja, este súbito crescimento dos últimos anos ainda não coloca o Brasil no cenário ideal, porém, demonstra um resultado interessante para um país que, até o ano de 2020, conforme o jornal Gazeta do Povo (2020), não possuía educação financeira na base curricular. Mediante estas variáveis, surge o problema de pesquisa: como o atual investidor brasileiro embasa suas decisões de investimento?

### **1.2 Delimitações do Trabalho**

O mercado financeiro engloba diversos atuantes entre diferentes produtos de investimentos disponíveis, sendo difícil de se estudar este como um todo devido diversos fatores limitantes atrelados. O objeto de pesquisa do presente trabalho é delimitado então somente pelo estudo dos investidores atuantes dentro do ambiente acadêmico da Unisinos, no qual o autor se faz presente.

### **1.3 Objetivos**

Os objetivos desta pesquisa dividem-se em geral e específicos.

#### **1.3.1 Objetivo Geral**

Verificar quais ferramentas auxiliam o investidor brasileiro na tomada de decisão.

#### **1.3.2 Objetivos Específicos**

- Identificar o perfil de conhecimento dos investidores;
- Avaliar as fontes utilizadas como base de informações;
- Verificar a relação entre as tomadas de decisões sobre investimentos com os conteúdos dos canais digitais sobre o assunto.

### **1.4 Justificativa**

Essa pesquisa visa explorar e analisar os processos e as ferramentas utilizadas como instrumentos de educação financeira do pequeno investidor, que se demonstrou em crescimento exponencial nos últimos anos. Uma maior participação de investidores dentro de uma economia tende a fortalecer o crescimento da mesma, uma vez que contribui com o aumento da renda e da qualidade de vida dos cidadãos, diminuindo assim o endividamento por falta de planejamento e uso inadequado de crédito.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica é uma etapa que tem por finalidade auxiliar na caracterização e dar embasamento às teorias e conceitos levantados durante o trabalho; neste em questão, os tópicos abordados na revisão incluem a educação financeira, o processo de investimento e as ferramentas e processos atrelados à decisão de investimentos.

### 2.1 Educação Financeira

A educação financeira não se resume somente ao ato de saber poupar dinheiro. De acordo com Gaspar (2011), a educação financeira se configura como uma ferramenta essencial para uma boa organização das finanças pessoais, de forma a estimular a prática de se criar reservas financeiras, bem como explorar diferentes tipos de investimentos. Para Meneghetti et al. (2014), a educação financeira pode ser compreendida como o processo pelo qual as pessoas melhoram sua percepção sobre os diferentes produtos financeiros disponíveis, conhecendo suas conceituações, riscos e oportunidades, de modo a melhorar a eficácia das suas tomadas de decisões e garantir um melhor bem-estar financeiro.

Na visão de Greenspan (2005, p. 65), os benefícios do conhecimento em educação financeira influenciam o desenvolvimento de um futuro economicamente estável.

A educação financeira pode qualificar os consumidores a serem melhores compradores, permitindo-os obter bens e serviços a custos menores. Este processo efetivamente aumenta o poder de compra real do consumidor e provê maiores oportunidades para consumir mais, poupar ou investir. Além do mais, a educação financeira pode auxiliar as pessoas a obter ganhos de conhecimentos necessários para criar orçamentos familiares, iniciar planos de poupança, gerenciamento de débito e formular decisões estratégicas de investimentos para a sua aposentadoria ou para a educação de seus filhos. (GREENSPAN, 2005, p.65, citado por MATTÁ e AMARAL, 2007, p.60)

Independente do uso destinado, a falta de conhecimento no assunto acarreta em sérios problemas, e não se restringe somente a problemas monetários. Conforme Gaspar (2011), a falta de informação afeta no controle das finanças, que por sua vez afeta a saúde financeira dos consumidores ao redor do mundo. Não só a saúde

financeira é prejudicada, mas também a física e mental, afetando a qualidade de vida como um todo.

Segundo Meneghetti et al. (2014), o endividamento pode provocar uma queda na qualidade de vida dos cidadãos, podendo desencadear problemas além da vida pessoal, como no ambiente de trabalho, por exemplo, aonde os funcionários com problemas financeiros tendem a cometer mais falhas quando sua atenção está desviada para outros assuntos que fogem do seu ambiente profissional. Além disso, as estatísticas mostram que, mesmo depois de anos trabalhados, dois em cada três aposentados retornam ao mercado de trabalho devido à falta de planejamento financeiro voltado para o futuro.

A importância do tema vai além do impacto na vida pessoal, sendo de interesse também para o governo, e instituições financeiras e de educação, onde os maus hábitos de consumo preocupam estas entidades globalmente. Gaspar (2011) aponta que os adultos não são os únicos afetados pelo consumismo compulsivo, mas também os jovens, que tendem a seguir os mesmos padrões de seus familiares, e acabam por saciar suas necessidades pessoais por meio de compras excessivas, admirados pela disseminação das propagandas nos veículos de comunicação. Meneghetti et al. (2014, p. 43) complementam:

Para as economias emergentes, os consumidores dotados de uma boa educação financeira podem ajudar a garantir que o setor financeiro aporte uma real contribuição ao crescimento econômico e para a luta contra a pobreza; mas a cultura financeira é igualmente vital para os países mais desenvolvidos, a fim de assegurar que os consumidores poupem suficientemente para dispor de rendas adequadas ao momento de sua aposentadoria, evitando níveis de endividamento elevados, podendo causar falências e confiscos de bens hipotecados; (MENEGHETTI et al., 2014, p. 43)

Dentre os problemas identificados quanto ao consumo inconsciente do brasileiro, Meneghetti et al. (2014) apontam quatro como sendo os mais comuns, sendo eles:

1. Não economizar com foco no objetivo: existe o conhecimento de que economizar o montante necessário para se realizar uma determinada compra no ato, é a melhor opção para se evitar parcelamentos e financiamentos acrescidos de juros desnecessários;



2. Falta de controle: a ausência de um planejamento e de uma gestão dos recursos financeiros pessoais acaba abrindo margem para despesas desnecessárias, podendo comprometer todo o orçamento disponível;
3. Consumismo impulsivo: os estímulos para consumir estão por toda parte, e o fácil acesso ao crédito pode ser uma armadilha que o comportamento pode não saber resistir. Um cartão de crédito no bolso é capaz de permitir que o indivíduo gaste mais do que sua receita total mensal, de forma simples e instantânea;
4. Consumo inconsciente: a tentação por falsas promoções que levam a decisões de compras ruins, como comprar parcelado pagando juros adicionais, ou não praticar o ato de negociar os valores a serem pagos, muitas vezes podendo haver uma economia relevante se pago à vista, conforme o ponto número 1 acima.

Para Gaspar (2011), um dos fatores que contribuem fortemente para o consumo elevado é a facilidade de acesso em se obter crédito, algo que as instituições financeiras buscam ofertar cada vez mais, principalmente através da emissão de cartões de créditos. Em contrapartida, a autora defende que o uso ponderado de crédito “é bom para as economias, promove o desenvolvimento econômico, amplia a produção e o acesso aos bens e serviços disponíveis no mercado”. (Gaspar, 2011, p. 159).

Na perspectiva econômica, o aumento do conhecimento sobre finanças e os diversos produtos financeiros contribuem para a democratização e disseminação da cultura de investimentos. No caso do mercado de ações, por exemplo, Gaspar (2011) aponta que a falta de pequenos investidores pessoa física se deve às falsas crenças de que este tipo de investimento se restringe somente aos grandes investidores profissionais, criando assim uma barreira que não permite a divulgação e a expansão deste tipo de mercado, que é de extrema importância para a capitalização e crescimento das empresas - as quais tem papel fundamental no desenvolvimento econômico do país. Um mercado acionário forte e consolidado tende a expandir o setor privado com a criação de novos negócios e empregos, permitindo que os recursos públicos possam ser melhor utilizados.

Savoia, Saito e Santana (2007) defendem a necessidade da educação financeira para a população brasileira moderna, posto que a mesma influi sobre as decisões financeiras dos cidadãos. O resultado de um estudo sobre o impacto do tema no ambiente de trabalho, realizado por Bayer, Bernheim e Scholz (2008), revelou que o domínio da competência vai além do desempenho laboral, aferindo também melhores habilidades de tomada de decisão por parte dos indivíduos, o que corrobora para que estes possam identificar e ponderar diferentes possibilidades e traçar metas pessoais.

Mesmo com as informações técnicas a disposição para a tomada de decisão, as pessoas têm gatilhos emocionais que podem prejudicar suas escolhas. De acordo com Ávila e Bianchi (2015, p.166) “a psicologia econômica propõe que as escolhas humanas não são sempre consistentes, dependendo, em grande escala, do contexto onde – e como – ocorrem, de tendências cognitivas e emocionais encontradas na maioria das pessoas, e de outros fatores, que resultarão em importantes limitações da racionalidade”.

O ser humano é direcionado por informações, sentimentos automáticos e estímulos do ambiente em que está inserido, e essas influências cognitivas são a base do estudo das finanças comportamentais, que segundo Boguea e Barros (2008) tem o papel de identificar de que modo as emoções e falhas cognitivas influenciam o processo decisório do investidor. De acordo com Baker & Nofsinger (2002), é possível prevenir erros na tomada de decisão ao entender e delimitar como as influências cognitivas induzem o comportamento do investidor. Por essa razão, a incorporação da educação financeira com as técnicas e modelos comportamentais tornou-se fundamental para conscientizar o investidor no momento de tomada de decisão, afinal a essência dessa temática é compreender as trocas e escolhas que permeiam a alocação de recursos.

Grande parte dos estímulos e informações recebidas, nos dias de hoje, é originada da internet. Por essa razão, o próximo tópico irá explorar a internet e o conteúdo online.

### 2.1.2 Conteúdo Online

A internet possibilita o fácil e rápido acesso a qualquer tipo de informação, a qualquer hora e em qualquer lugar. Para Kauark, Manhães e Souza (2010, p. 57) a

comunicação e troca de informações na internet podem ser compreendidas da seguinte forma:

Sem dúvida, a Internet representa uma revolução no que concerne à troca de informação. A partir dela, todos podem informar a todos. Mas se ela pode facilitar a busca e a coleta de dados, ao mesmo tempo oferece alguns perigos. Na verdade, grande parte das informações passadas por essa rede não têm critérios de manutenção de qualidade da informação. (KAUARK, MANHÃES E SOUZA, 2010, p. 57)

Do ponto de vista de Carvalho, Cordeiro e Silva (2018) a internet pode ser considerada como um excelente ambiente para fomentar a educação financeira, dado que provê de uma vasta quantidade de informações e ferramentas que permitem a troca e a consolidação desse tipo de conteúdo virtualmente, através de vídeos, plataformas online, palestras, softwares, e portais que permitem a integração de indivíduos e instituições, podendo haver uma seleção nos públicos que se busca atingir.

Entre os diversos conteúdos que são cada vez mais compartilhados através da internet, destaca-se a atenção para os relacionados à finanças e investimentos. Para Lucci et al. (2006), a internet tem sido fundamental no processo de aumento da oferta de produtos financeiros disponíveis no mercado, bem como da disseminação da informação e conhecimento sobre o assunto, porém, conforme ponderam Braunstein e Welch (2002), é fundamental uma determinada base de conhecimento prévio para se utilizar dessas informações de forma eficiente e segura, uma vez que é necessário validar suas fontes e suas relevâncias. Segundo Cortella (2009, p. 24) “transformar informação em conhecimento exige, antes de tudo, critérios de escolha e seleção, dado que o conhecimento (ao contrário da informação) não é cumulativo, mas seletivo.”

Diante dessa relação, aborda-se então a teoria sobre investimentos, seus tipos e os instrumentos de auxílio ao investidor.

## **2.2 Investimentos**

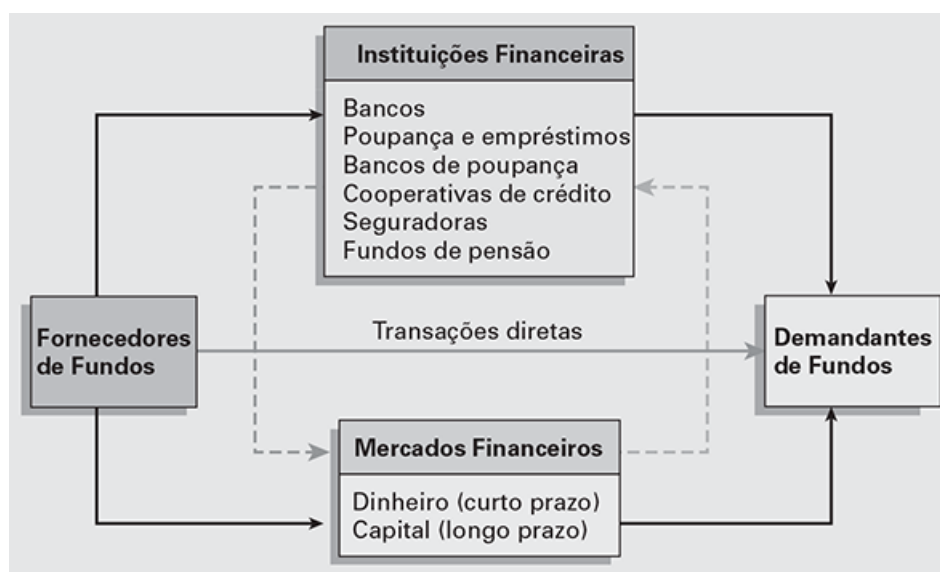
Para se entender o processo de tomada de decisão com relação a investimentos pessoais, é necessário primeiro se obter o conceito sobre o que são e como funcionam os investimentos, dado que investir requer a escolha entre duas ou

mais alternativas, e a eficácia do resultado depende fundamentalmente do conhecimento sobre o assunto e das expectativas dos cenários futuros.

Bodie, Kane e Marcus (2014, p. 22) definem investimento como “o comprometimento de dinheiro ou de outros recursos no presente com a expectativa de colher benefícios futuros.” Os investimentos financeiros visam aplicar os recursos monetários disponíveis no momento atual buscando sua valorização ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que o estudo, por exemplo, também pode ser considerado uma forma de investimento, pois requer o sacrifício do tempo disponível agora em troca de possíveis melhores oportunidades e benefícios no futuro.

A figura 1 representa a estrutura geral do processo de investimento no sistema financeiro, seus principais componentes e o fluxo de movimentação do dinheiro. Segundo Gitman e Joehnk (2005), governo, organizações e cidadãos são os principais atuantes, sendo possível para qualquer um destes atuar tanto como fornecedor quanto demandante de recursos monetários. Os fornecedores possuem o dinheiro excedente, que por sua vez pode suprir a necessidade dos demandantes que precisam de dinheiro. As instituições financeiras atuam intermediando e centralizando as transações dos recursos entre os fornecedores e demandantes dentro do mercado financeiro.

Figura 1 - Estrutura do processo de investimentos



Fonte: Adaptado de Gitman e Joehnk (2005)

### 2.2.1 Renda Fixa e Renda Variável

O mercado financeiro tem seus investimentos divididos predominantemente em duas categorias: os de renda fixa e os de renda variável. Macedo Jr. (2013) classifica os investimentos de renda fixa como títulos de dívida, que são emitidos pelo governo ou por organizações, e os de renda variável como as ações de empresas. Na primeira categoria, a compra dos títulos de renda fixa funciona como uma forma de empréstimo às partes que emitem os títulos, as quais realizam o pagamento do dinheiro, acrescido de juros previamente estabelecidos, na data de vencimento do título, também pré-estabelecida. No caso das ações, o processo incide em comprar pequenas partes de uma empresa que tem seu capital publicamente aberto na bolsa de valores. Neste tipo de investimento, existe a possibilidade de se receber parte dos lucros da empresa (dividendos), e/ou ter o valor de suas ações aumentado ou diminuído ao longo do tempo.

A conceituação das duas categorias na visão de Macedo Jr. (2013, p. 147) pode ser dada na seguinte forma:

Os investimentos de renda fixa podem ter seu ganho dimensionado no momento da aplicação, ao contrário dos ativos de renda variável, cujo retorno não pode ser estimado no instante da compra. Assim, as aplicações em renda fixa são mais estáveis que as de renda variável e, por isso, são consideradas mais conservadoras, ou seja, de menor risco. (MACEDO JR., 2013, p. 147)

### 2.2.2 Instrumentos de investimentos

Um investidor pode ser uma pessoa física ou jurídica que busca gerar lucros e rendimentos a partir da aplicação do seu dinheiro. Geralmente seu perfil é identificado a partir do seu nível de tolerância à riscos. Gitman (2010) define esses perfis como:

- Conservador: protege totalmente seu patrimônio, realiza somente investimentos seguros devido sua aversão ao risco;
- Moderado: investe com segurança, porém tolera pequenos riscos em busca de rendimentos maiores;
- Arrojado: tem maior conhecimento sobre o funcionamento do mercado, busca maiores lucros no curto prazo mesmo com altos riscos e oscilações.

Além do nível de tolerância a riscos, outro aspecto relacionado com o perfil do investidor são seus objetivos, uma vez que estes irão determinar o período de tempo com que se espera recuperar o dinheiro investido. Podem ser definidos conforme a tabela 1:

Quadro 1 - Horizontes de tempo de objetivos

<b>Curto Prazo</b>	Até 1 ano
<b>Médio Prazo</b>	Entre 2 e 5 anos
<b>Longo Prazo</b>	Acima de 5 anos

Fonte: Adaptado de Macedo Jr. (2013)

- **Risco**

De acordo com Halpern (2003), a definição de risco está atrelada à insegurança quanto aos resultados futuros das decisões tomadas agora. Nos investimentos, o autor aponta os seguintes riscos a serem ponderados na hora de tomar uma decisão: o risco de não haver crédito para se recuperar o dinheiro aplicado, o risco de não haver nenhuma rentabilidade acrescida ao valor investido inicialmente, o risco de perda de parte ou todo o valor, e o risco de liquidez quanto ao prazo e as restrições de resgate do montante.

Gitman e Joehnk (2005, p. 21) definem risco como “a probabilidade de os retornos reais sobre investimentos diferirem dos retornos esperados. Quanto mais ampla for a gama de valores ou retornos possíveis associados a um investimento, maior será seu risco”. Os autores classificam os investimentos de baixo risco como sendo aqueles que garantem, de forma segura, o rendimento positivo de um investimento ao final de sua aplicação, ao contrário dos investimento de alto risco, aonde as especulações geram níveis de retorno imprecisos e voláteis, possibilitando maiores ganhos ou perdas. A figura 2 ilustra o conceito descrito acima:

Figura 2 - Risco x Retorno



Fonte: Portal Foxbit (2020)

- Retorno

O retorno de um investimento pode ser compreendido, na visão de Gitman e Joehnk (2005), como as recompensas providas do valor inicial de um investimento. Esses ganhos podem ocorrer de duas formas diferentes: a primeira é em forma de um rendimento corrente, como por exemplo em uma conta poupança, aonde os ganhos são depositados diretamente na conta todo mês na data de aniversário; a segunda é em forma de valor aumentado, quando existe uma valorização do valor inicialmente aplicado, como é o caso dos investimentos em ações, por exemplo: compra-se uma ação com um determinado valor agora visando sua valorização ao longo do tempo (sendo possível também ganhar valores recorrentes com dividendos nesta modalidade).

- Liquidez

A liquidez, no entendimento de Macedo Jr. (2013, p. 255), se refere a “facilidade com que um ativo pode ser convertido em dinheiro ou outro meio de troca.” Pode-se usar como exemplo um ativo imóvel, como uma casa ou apartamento, aonde existe o investimento por parte do dono do imóvel e existe a valorização do mesmo ao longo

do tempo, porém a facilidade e a rapidez com que se leva para vender o imóvel e converte-lo em dinheiro pode ser muito extensa, fazendo com que esse tipo de investimento seja considerado de baixa liquidez. Já no caso da poupança, a liquidez é alta, dado que o resgate do dinheiro aplicado pode ser efetuado de forma instantânea, sem depender de uma operação de compra e venda.

- Diversificação

Segundo Assaf Neto (2018), a incerteza de cada investidor mediante a relação risco/retorno é o fator de maior peso na hora de se tomar uma decisão relacionada a investimentos. A diversificação de ativos é um instrumento utilizado para diminuir o risco proporcionado por produtos de investimentos. Dado que o risco de um ativo está atrelado a volatilidade do seu retorno esperado, o conceito de diversificação está relacionado a combinação de diferentes ativos dentro de uma carteira de investimentos, visando uma dispersão maior do risco em meio aos diferentes retornos e contextos de cada ativo inserido na carteira.

Para que a diversificação possa ser efetiva, a carteira precisa ser estruturada de uma forma com que os ativos contidos não se correlacionem de alguma forma, conforme exemplifica Assaf Neto (2018, p. 392):

Por exemplo, se uma carteira for formada por duas ações de bancos concorrentes, dos quais se espera desempenho similar, toda perda de valor desses papéis no mercado será absorvida pela carteira. Esses ativos se correlacionam positivamente, e não há como compensar perdas de um por ganhos de outro. Por outro lado, se os ativos da carteira não seguirem o mesmo comportamento (ou, em caso positivo, a correlação é baixa), é possível reduzir o impacto negativo de uma ação sobre toda a carteira. Em outras palavras, se o desempenho de um ativo não for bom, o outro pode apresentar resultados positivos e compensar as perdas, de maneira que na média a carteira não apure maiores perdas. (ASSAF NETO, 2018, p. 392)

O conceito de carteira diversificada não se aplica somente a diferentes ativos dentro de um mesmo tipo de investimento, como no caso de ações de empresas diferentes. Uma carteira diversificada pode ser composta por diversos produtos de investimento diferentes, podendo incluir, na mesma carteira, tanto ações como produtos de renda fixa, fazendo com o que risco da volatilidade das ações possa ser amenizado pela segurança da renda fixa.



### 2.2.3 Tipos de investimentos

A partir da definição do grau de risco e do horizonte de tempo do objetivo, é possível então identificar os tipos de investimentos que se adequam ao perfil de cada investidor. A tabela 2 apresenta os principais tipos de investimentos mais usados no Brasil, juntamente de seus atributos base utilizados como alguns dos principais instrumentos de decisão, sendo estes, respectivamente, o nível de rendimento do investimento, a sua capacidade de liquidez e o risco relacionado.

Tabela 1 - Principais investimentos e seus atributos

Investimento	Rentabilidade	Liquidez	Segurança
<b>Poupança</b>	Baixa	Alta	Alta
<b>Imóveis</b>	Baixa/Alta	Baixa	Alta
<b>Fundo Renda Fixa</b>	Moderada	Alta	Alta
<b>Ações</b>	Alta	Alta	Baixa

Fonte: Adaptado da internet

**Poupança:** na visão de Assaf Neto (2018) é o tipo de aplicação mais utilizada no Brasil. Não existe valor mínimo para se aplicar e nem pré-requisitos. Possui liquidez imediata, baixo risco e é isenta de Imposto de Renda para pessoas físicas. A rentabilidade do valor aplicado é mensal, e se baseia na TR (Taxa Referencial) + 0,5% (quando a taxa Selic for superior a 8,5%) ou TR + 70% da Selic anual (quando a Selic for menor que 8,5%) e é depositada diretamente na própria poupança. Existe a cobertura do governo para garantir o saldo aplicado até o valor de R\$ 250.000, através da FGC (Fundo Garantidor de Créditos), conforme consta no próprio site da instituição.

**Títulos:** para Gitman e Joehnk (2005, p. 20) os títulos “representam dívida, propriedade ou direito legal de adquirir ou vender uma propriedade”. Entre os tipos de títulos disponíveis existem as ações, os títulos de dívida e opções de compras de ações. Macedo Jr. (2013) define os títulos de dívida como os títulos públicos ou

privados (debêntures) que garantem direito de crédito sobre instituições financeiras ou indivíduos. Um exemplo são os títulos públicos nacionais - Tesouro Prefixado (LTN), com taxa de rentabilidade pré-estabelecida; Tesouro Selic (LFT), com rentabilidade diária vinculada à taxa Selic; Tesouro IPCA+ (NTN-B), cuja rentabilidade é pós-fixada devido ao seu vínculo à taxa de inflação (IPCA) - ofertados pelo Tesouro Direto, que é uma plataforma de investimentos providos e gerenciados diretamente pelo governo federal.

**Propriedade (patrimônio):** são os bens imóveis, como terrenos, prédios, etc., que estão sob a custódia do indivíduo. Gitman e Joehnk (2005) também incluem os bens pessoais tangíveis como parte do patrimônio, podendo estes ser ouro, obras de arte e/ou outros tipos de objetos de coleção de alto valor.

**Ações:** as ações constituem pequenos pedaços de uma empresa, conforme explica Macedo Jr. (2013). Quando uma empresa precisa captar uma boa quantia de dinheiro para investir no seu crescimento, ela tem a possibilidade de abrir seu capital para o mercado financeiro, passando a se constituir uma empresa de capital aberto, ou seja, ela divide uma parte de seu capital privado em diversas pequenas partes que podem ser negociadas na bolsa de valores por qualquer pessoa ou instituição. De acordo com Gitman e Joehnk (2005) o retorno sobre o investimento em ações se dá de duas formas: como dividendos ou na forma de ganhos de capital. Os dividendos são os lucros da empresa que são divididos entre as ações disponíveis, ou seja, o número de cotas que um indivíduo possui determina a quantia de dividendos que o mesmo pode receber; os ganhos de capital se referem a valorização do preço da ação ao longo do tempo, indicando que esta pode ser vendida por um valor diferente (maior ou menor) do que o valor pago no momento da compra.

**Direitos e contratos futuros (derivativos):** tipo de investimento mais complexo e com muito risco associado. Não representa nem uma dívida nem um capital próprio. Macedo Jr. (2013) caracteriza este tipo de investimento como o direito de se comprar e vender um bem em uma data futura. Um exemplo disso são as opções no mercado de ações, aonde na concepção de Assaf Neto (2018, p. 332) “o investidor de opções adquire, mediante o pagamento de um prêmio, o direito de

comprar ou vender determinado lote de ações a outro investidor do mercado, em condições de prazo e preço previamente estabelecidos.” A definição do preço de uma opção se dá pelo nome de Preço de Exercício, e é determinada e controlada pela própria Bolsa de Valores.

**Fundos e clubes de investimentos:** Macedo Jr. (2013) define os fundos como um grupo de investidores que aplica seu dinheiro de forma conjunta em um banco ou corretora, para que esta instituição financeira faça a gestão do total levantado pelo fundo. Conforme aborda Assaf Neto (2018), os investidores de um fundo são caracterizados como cotistas, uma vez que cada investidor possui uma parcela do valor total do patrimônio aplicado do fundo. As decisões sobre os fundos são tomadas em assembleia geral dos cotistas. Os fundos são uma alternativa para pequenos investidores que querem participar, por exemplo, do mercado de capitais, uma vez que não necessita de operações de compra e venda de ações manualmente por parte do investidor, além da maior concentração de recursos captados quando comparado individualmente.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia se refere ao planejamento, os procedimentos e os métodos a serem utilizados na construção e execução de uma pesquisa. Gil (2002, p.43) define que a metodologia “refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a diagramação quanto a previsão de análise e interpretação de coleta de dados”.

O ponto de partida de uma pesquisa é a definição de um problema, para o qual se busca uma resposta ou solução através de um método. Com base no problema e nos objetivos propostos, a pesquisa do presente trabalho tem caráter descritivo, uma vez que se busca descrever as características de uma população específica, com relação algumas das diferentes variáveis envolvidas no processo de decisão em investimentos.

O procedimento técnico utilizado é o levantamento, e a coleta de dados se deu através da aplicação de questionário online, visando se obter as respostas dos entrevistados por meio de perguntas que foram elaboradas em linha com a teoria abordada e com os objetivos estabelecidos. A análise dos dados utilizou-se de estatísticas descritivas e comparativas, a fim de identificar padrões e tendências que possam ser cruzados e relacionados com a teoria, mediante a interpretação do autor.

#### **3.1 Delineamento**

Para se realizar o delineamento da pesquisa é necessária a consideração de três características importantes, conforme pontua Klein (2015): paradigma de pesquisa; classificação da pesquisa de acordo com sua finalidade e métodos; população-alvo.

Existem dois paradigmas principais referentes a pesquisas dentro da área da Administração: o qualitativo (fenomenológico) e o quantitativo (positivista). No paradigma da pesquisa quantitativa utilizada no presente trabalho, os dados devem ser coletados por meio de instrumentos de coleta estruturados, os quais possibilitem quantificar e apurar as informações coletadas por meio de análises estatísticas variadas, como cálculos de média, desvio padrão, coeficientes de correlação, etc. (RICHARDSON, 1999).

A finalidade da pesquisa tem como base o problema de pesquisa, juntamente de seus objetivos gerais e específicos, com o intuito de descrever o que se pretende obter como resultado final. Sua classificação se divide entre três tipos: descritiva, explicativa ou exploratória. A finalidade descritiva da presente pesquisa tem como objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno, através de técnicas padronizadas para a coleta de dados. (GIL, 2012).

A definição do público-alvo deve estar ligada ao paradigma de pesquisa. Na pesquisa quantitativa, os participantes da pesquisa são escolhidos através da determinação de uma população e amostra. Conforme Gil (2002), o universo ou população é um grupo de componentes com peculiaridades definidas, e a amostra é um subgrupo dentro do universo ou população pelo qual se determinam as peculiaridades do grupo principal.

O foco dos participantes desta pesquisa é uma população do universo de investidores individuais (pessoa física). A amostra compreende 21 alunos dos cursos da escola de Gestão e Negócios da Universidade Unisinos, que investem seu dinheiro em pelo menos um produto de investimento. O tamanho da população não foi divulgado pela instituição.

### **3.2 Técnicas de Coleta de Dados**

O método de pesquisa se define a partir da escolha dos elementos que irão compor a pesquisa. Segundo Silva et al. (2012, p. 38) ao definir o método “o pesquisador delinea sua estratégia de pesquisa, ou seja, escolhe os procedimentos técnicos a serem utilizados no processo de investigação científica. O método escolhido orientará a seleção das técnicas de coleta e de análise de dados a serem empregadas pelo pesquisador”.

No método de levantamento, as técnicas disponíveis para coleta de dados são realizadas na forma de interrogação: questionários, entrevistas e formulários. Lakatos e Marconi (2009, p. 86), definem questionário como “um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Para o método de levantamento utilizado no presente trabalho, a estratégia consiste em interrogar uma quantia significativa de indivíduos de forma direta, afim de entender melhor suas características, comportamentos ou decisões. A coleta das

informações foi realizada através de um questionário online da plataforma do Google Forms, sendo este composto em sua maior parte de perguntas fechadas, havendo também algumas perguntas abertas.

Para Gil (2002), o questionário representa a forma mais rápida e com menos custos para se obter resultado, podendo garantir também a privacidade dos pesquisados por meio de questionários anônimos que podem ser aplicados através de meios eletrônicos, como websites. A criação do questionário se baseia na tradução dos objetivos específicos da pesquisa em questões bem definidas e apresentadas, a fim de operacionalizar os conceitos teóricos envolvidos.

### **3.3 Técnicas de Análise de Dados**

O processo de análise de dados requer o devido preparo das informações levantadas a fim de compreender e interpretar as mesmas. Para os dados quantitativos levantados na presente pesquisa, as análises combinam diferentes técnicas estatísticas, como as descritivas e comparativas. Estas análises permitem que os resultados possam ser expressos em forma de médias, tendências e probabilidades. (SILVA et al., 2012).

As técnicas de análise estatísticas utilizadas no presente estudo permitem a avaliação das hipóteses levantadas pelos objetivos propostos. Para se apurar os dados, é necessário que a organização dos mesmos seja feita de acordo com tipo de informação contida, podendo haver a codificação das respostas, tabulação e cálculos. A partir, ou juntamente, disso, é possível realizar a interpretação dos dados por meio do cruzamento com a teoria. (GIL, 2002).

Ainda segundo a visão de Gil (2002), os procedimentos de codificação de dados requerem uma preparação adequada. Pode haver uma codificação prévia, aonde o questionário já é criado com as codificações estabelecidas nos campos próprios para esse fim, afim de coletar os dados já codificados, ou posterior, aonde a codificação dos dados é atribuída após os dados terem sido coletados.

Além da análise estatística manual, existem atualmente formas automatizadas de se executar análises de dados estatísticos, por meio de softwares ou plataformas online de pesquisas. Tais tecnologias são capazes de trabalhar os dados das mais variadas formas, podendo gerar médias, tabulações cruzadas, correlações, entre diversas outras.

Na análise dos dados do presente estudo, foi possível se obter gráficos gerados de forma automática pela plataforma do Google, bem como algumas das estatísticas e agrupamentos. Ainda assim, foi preciso extrair os dados para uma planilha, sendo necessária a visão e interpretação do autor na manipulação destes dados, podendo se obter estatísticas e tendências adicionais a serem apresentadas no próximo capítulo.

## 4 RESULTADOS

Este capítulo tem o intuito de descrever e analisar os dados obtidos através da aplicação do questionário. O mesmo foi criado em plataforma digital online, e enviado aos respondentes por meio eletrônico. O envio do questionário foi realizado pela secretaria da escola de Gestão e Negócios da Unisinos. Para o delineamento do público-alvo, foi informado junto ao envio que o questionário se aplica somente aos indivíduos que tem seu dinheiro investido em pelo menos um produto de investimento.

A pesquisa tem caráter anônimo, visando proteger a identidade dos participantes, uma vez que a natureza da mesma envolve dados sensíveis e pessoais sobre a vida financeira dos indivíduos. As questões foram elaboradas a partir da literatura pesquisada para o desenvolvimento da fundamentação teórica do trabalho, buscando resultados quantitativos que possam contribuir com os objetivos estipulados para o estudo.

O resultado da análise dos dados foi utilizado para compreender as seguintes questões:

- Como é o perfil de conhecimento dos investidores individuais?
- Quais as fontes utilizadas para buscar conhecimento no assunto?
- Como os investidores pessoa física utilizam das informações obtidas para tomada de decisão na hora de investir?

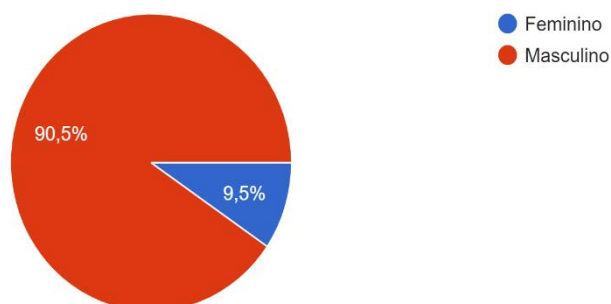
A primeira análise se forma a partir da identificação do perfil dos investidores entrevistados. É importante ressaltar que parte deste perfil analisado é uma consequência da amostra da pesquisa, dado que a mesma foi realizada dentro do ambiente acadêmico. Alguns dos dados, como idade e escolaridade, acabam por ser delimitados por este contexto, podendo não representar a realidade dos demais investidores no Brasil.

A primeira questão foi relacionada ao gênero dos entrevistados, com intuito de se identificar a representatividade de cada sexo dentro da amostra, conforme mostra o gráfico 1.



Gráfico 1 – Gênero

Qual o seu gênero?  
21 respostas



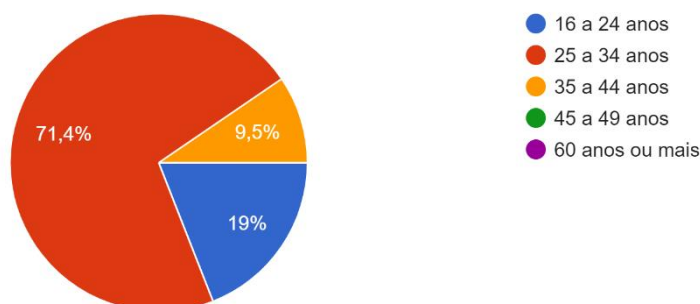
Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com o gráfico, a maior parte dos respondentes são homens, representando mais de 90% da amostra, havendo uma baixa participação por parte das mulheres, com menos de 10% das respostas. A opção “outros” foi disponibilizada também, mas não houve respostas. Isso pode trazer o entendimento de que este ainda é um padrão dominante dentro do mercado financeiro, uma vez que os dados externos da B3 (2020), já apontados anteriormente, mostram que o número de cadastros femininos na bolsa de valores ainda é menor que os dos homens, representando apenas 25%, mesmo estando em constante crescimento nos últimos anos. Ao relacionar os dados externos da B3 com os dados levantados pelo presente trabalho, é possível identificar que ainda há muita margem para crescimento da diversificação do perfil do investidor brasileiro, o que levaria, conseqüentemente, a um número maior de investidores com um todo.

Na segunda questão, apresentada no gráfico 2, foi apurada a faixa etária da amostra. A faixa etária de maior destaque foi entre os 25 a 34 anos, ocupando cerca de 71% da amostra, seguida da faixa dos 16 a 24 anos com 19%. A faixa etária de menor participação foi dos 35 a 44 anos, representando apenas um pouco mais de 9% dos respondentes. Não houve participantes com mais de 45 anos.

Gráfico 2 – Faixa etária

Qual a sua idade?  
21 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor

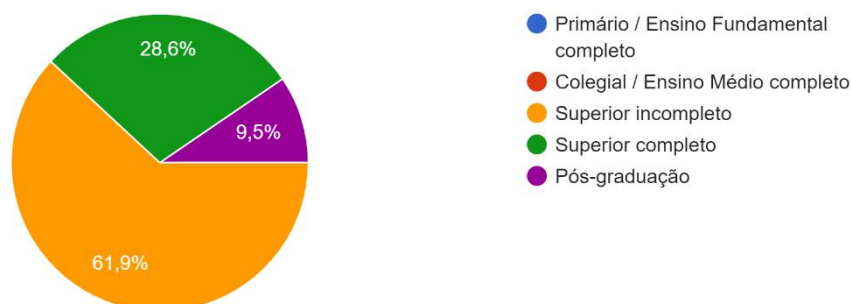
Ao analisar as respostas dos participantes da pesquisa, que têm entre 25 e 44 anos, de forma isolada, cerca de 70% responderam aplicar seu dinheiro em ações, seja diretamente ou por meio de um fundo de ações. Esses dados podem corroborar, de certa forma, com o perfil dos investidores da Bolsa de Valores, onde mais da metade dos investidores têm entre 26 e 45, conforme dados apontados na introdução deste estudo.

Com relação ao nível de ensino dos participantes, foi realizado o questionamento sobre sua escolaridade na terceira questão. Os diferentes níveis apresentam-se no gráfico 3.

Gráfico 3 – Escolaridade

Qual o seu nível de escolaridade?

21 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor

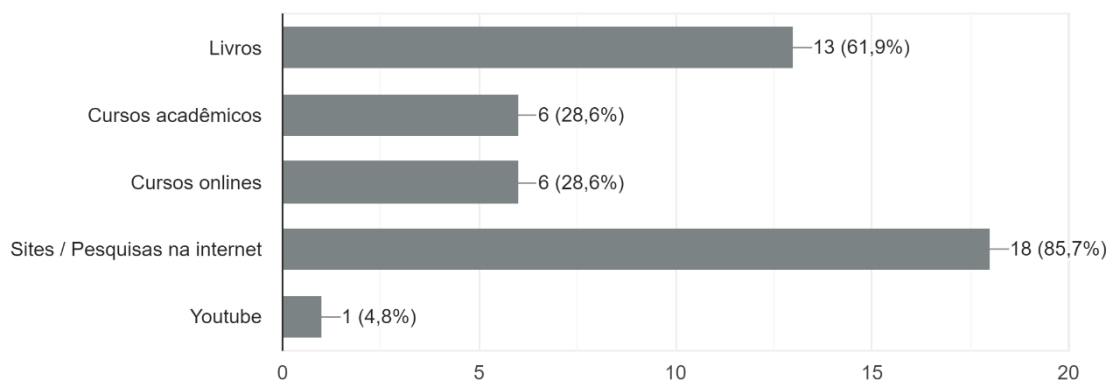
Quase 62% dos entrevistados possuem nível superior incompleto, enquanto que mais de 28% já o completaram. Cerca de 9% já obtém um nível de pós-graduação. Ao se verificar os produtos utilizados de acordo com o nível de ensino, não é possível estabelecer uma diferença significativa no uso de diferentes produtos, podendo mostrar que o conhecimento para investir tem uma correlação negativa com o nível de ensino acadêmico do indivíduo, sendo possível que este seja adquirido de forma autônoma. Savoia, Saito e Santana (2007) defendem sobre a necessidade da educação financeira para a população brasileira moderna, posto que a mesma influi sobre as decisões financeiras dos cidadãos.

Questionou-se então sobre quais as fontes utilizadas pelos participantes para obtenção de conhecimento teórico base sobre o mercado financeiro em geral, englobando o seu funcionamento, os processos e participantes envolvidos, bem como os produtos disponíveis, etc., as quais são apresentadas no gráfico 4.

Gráfico 4 – Fontes de conhecimento teórico

Como você obtém conhecimento teórico sobre o mercado financeiro e seus produtos (funcionamento, integrantes, processos, etc.)?

21 respostas



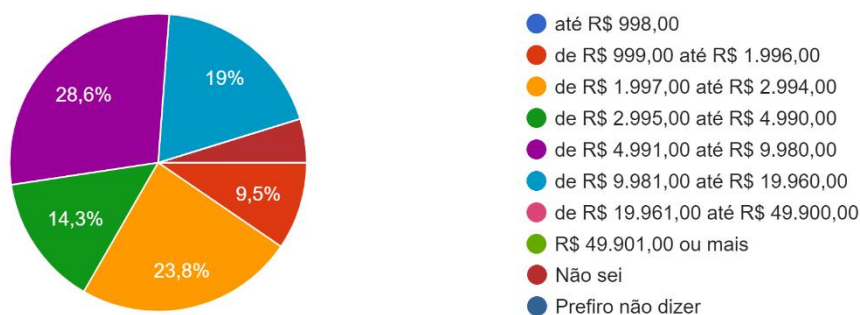
Fonte: Elaborado pelo autor

Em primeiro lugar aparecem os sites e as pesquisas na internet, sendo esta opção escolhida por mais de 85% das respostas. Logo após aparecem os livros, com quase 62% de respondentes selecionando a opção. Os cursos acadêmicos e os cursos online apresentaram o mesmo número de respostas, com 28,6% de seleções para cada um. Isso corrobora com a busca autônoma pelo conhecimento conforme identificado na questão anterior, bem como com a teoria de Meneghetti et al. (2014), de que a educação financeira se faz fundamental para se ter uma melhor percepção sobre o mercado financeiro e seus produtos, permitindo que o indivíduo possa melhorar a eficácia das suas tomadas de decisões e garantir um melhor bem-estar financeiro.

A mesma correlação negativa do nível acadêmico pode ser aplicada para o quesito da renda, dado que os produtos utilizados por quem tem uma renda de R\$ 999,00 até R\$ 1.996,00, são os mesmos daqueles que têm uma renda mais elevada, como de R\$ 4.991,00 até R\$ 9.980,00. O gráfico 5 apresenta a representatividade de cada faixa salarial dentro da amostra.

Gráfico 5 – Renda mensal

Qual a sua renda mensal aproximada?  
21 respostas



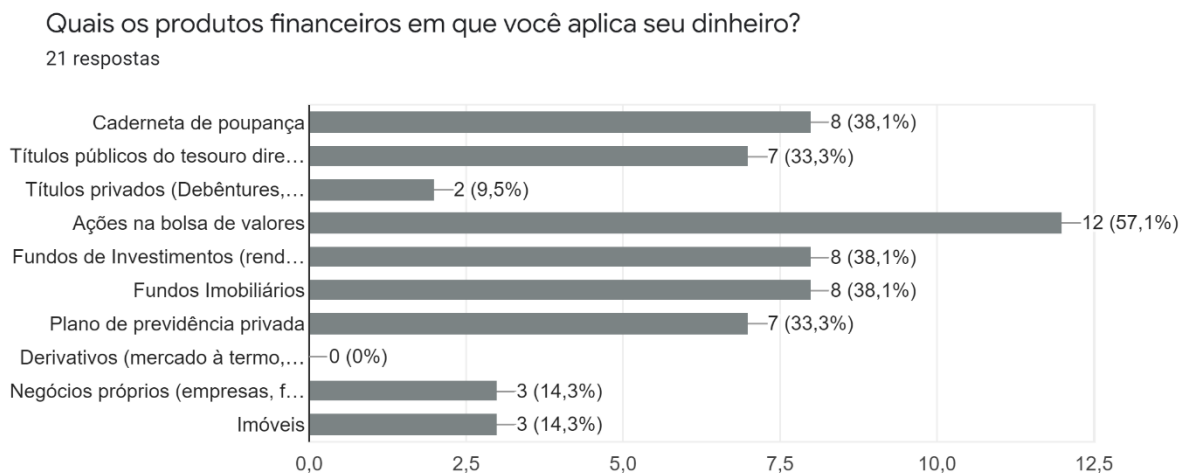
Fonte: Elaborado pelo autor

Isso deixa o entendimento de que investir é possível para qualquer pessoa, quando se tem um certo nível de educação financeira, sendo irrelevante o seu poder aquisitivo. Conforme já citado por Gaspar (2011), a falta de conhecimento sobre finanças e seus produtos afetam na disseminação e democratização da cultura de investimentos, uma vez que os investidores individuais acabam por criar barreiras perante a complexidade dos diferentes produtos de investimentos, dando como exemplo, as falsas crenças de que o mercado de ações é algo restrito somente aos grandes investidores profissionais.

Para fechar a identificação do perfil dos investidores entrevistados, fica imprescindível avaliar o nível de tolerância à riscos apresentado pelos mesmos, uma vez que a teoria apresentada por Gitman (2010) define que esta é uma das chaves principais na identificação do perfil de investidor, podendo este variar entre conservador, moderado e arrojado.

Com base nos critérios apresentados no gráfico 6, pode-se concluir que o perfil dos entrevistados se divide quase igualmente entre arrojado e conservador. Para se obter maior precisão do perfil identificado, foi realizado o cruzamento dos dados gerais desse gráfico com as respostas individuais de cada um sobre os produtos em quais os mesmos aplicam seu dinheiro, que são apresentados no gráfico 6.

Gráfico 6 – Produtos financeiros utilizados



Fonte: Elaborado pelo autor

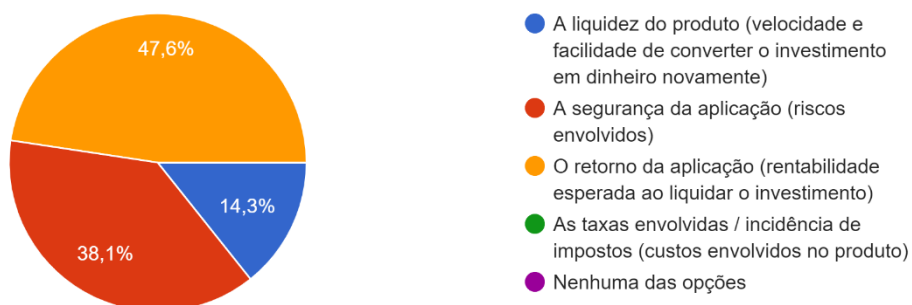
O produto mais utilizado é as ações de empresas na Bolsa de Valores com 57,1% de respostas. Na sequência aparecem a Caderneta de Poupança, os Fundos de Investimentos e os Fundos Imobiliários, sendo estes utilizados por 38% dos respondentes. Logo mais abaixo seguem os Títulos Públicos do governo e os Planos de Previdência Privada, com cerca de 33% das respostas.

Com relação aos critérios mais relevantes para se decidir em qual produto investir, o mais escolhido foi o retorno da aplicação, com 47,6% dos participantes respondendo que buscam uma maior rentabilidade na hora de escolher um investimento. Em seguida aparecem os investidores que preferem mais segurança, com cerca de 38% escolhendo seus produtos com base nos riscos envolvidos. Por último, com apenas 14,3% das respostas, estão os investidores que prezam pela liquidez. Os dados apresentam-se no gráfico 7.

Gráfico 7 – Critérios relevantes para os investidores

Dentre os critérios abaixo, qual tem maior importância para você no momento de decidir um produto financeiro para aplicar seu dinheiro?

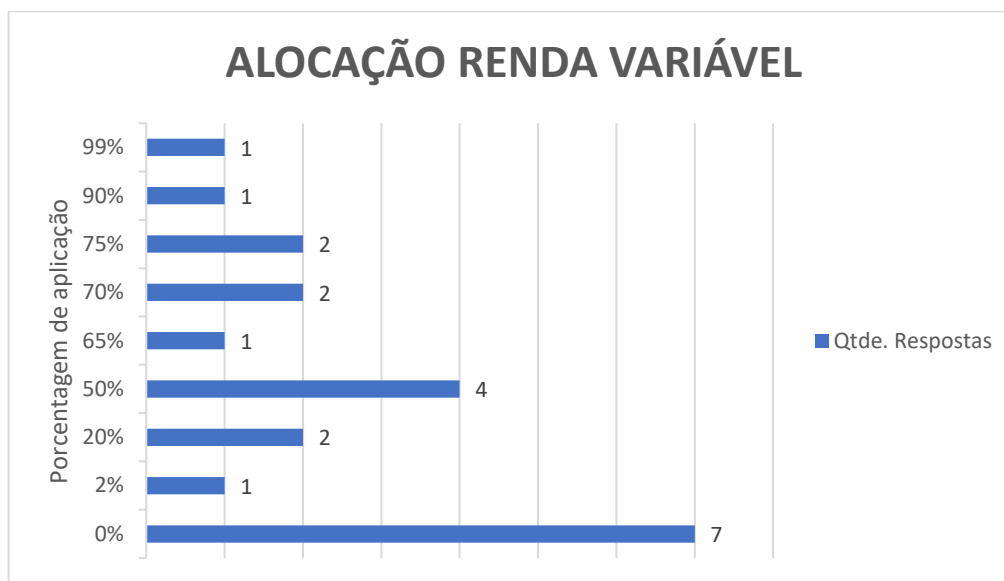
21 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor

A metade desses investidores arrojados é composta pelos 47,6% que responderam buscar maiores retornos, e conseqüentemente correm maiores riscos, dado que Gitman e Joehnk (2005, p. 21) afirmam que “quanto mais ampla for a gama de valores ou retornos possíveis associados a um investimento, maior será seu risco”, conforme a relação risco x retorno da figura 2 apresentada no referencial teórico. Todos estes respondentes alocam uma boa parte dos seus investimentos em produtos de renda variável, havendo uma média de 57% de alocação no produto entre os que responderam buscar maiores retornos. O gráfico 8 apresenta as alocações nos produtos de renda variável.

Gráfico 8 – Porcentagens de alocação Renda Variável



Fonte: Elaborado pelo autor

A outra metade pode ser compreendida como conservadora, com aversão aos riscos, dado que cerca de 38% prezam pela segurança da aplicação com relação aos riscos envolvidos, onde Halpern (2013) define que o risco está atrelado à insegurança quanto aos resultados futuros das decisões tomadas agora. Outros 14% dão maior importância para a liquidez do investimento, que de acordo com Macedo Jr. (2013, p. 255), se refere a “facilidade com que um ativo pode ser convertido em dinheiro ou outro meio de troca”, sendo este também um fator de risco atrelado à investimentos.

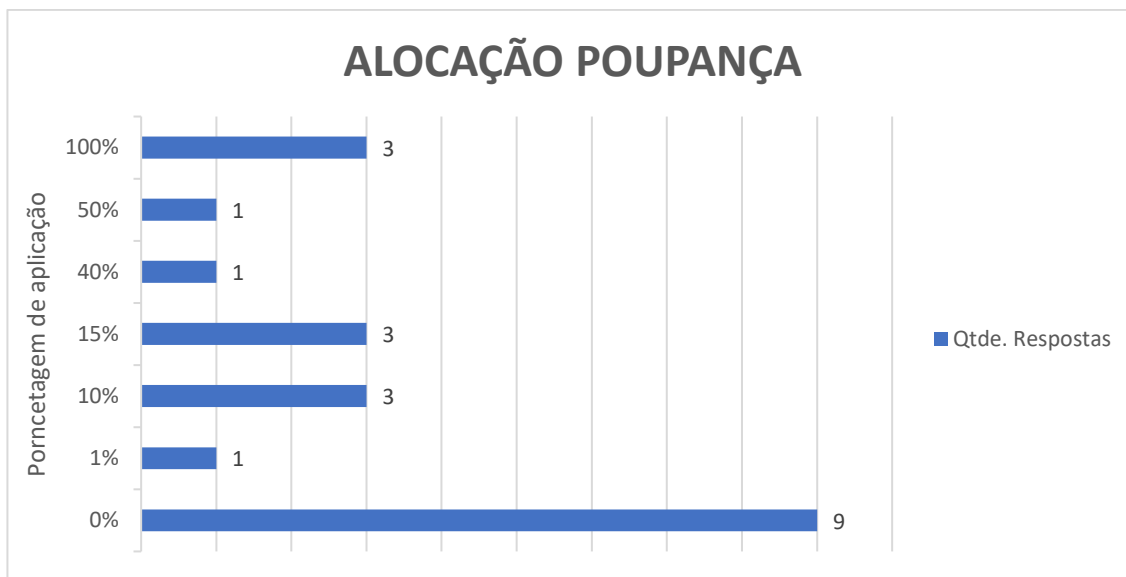
Desses conservadores, pode-se observar um padrão diferente na distribuição dos produtos de investimentos, uma vez que apenas 4 dos 12 conservadores aplicam algum montante nos produtos de renda variável, sendo aqui as maiores concentrações na caderneta de poupança, dado que Assaf Neto (2018) afirma que este produto possui baixo risco e liquidez imediata. Para estes conservadores, pode-se perceber uma alocação maior também nos produtos de renda fixa, onde Macedo Jr. (2013) define estas aplicações como conservadoras por serem mais estáveis e terem seus ganhos dimensionados na hora de realizar a aplicação.

O gráfico 9 representa as porcentagens de aplicação na Caderneta de Poupança que foram informados pelos participantes, seguido dos números de respondentes que mencionaram a porcentagem relacionada. Apenas 3 respondentes informaram aplicar 100% do seu dinheiro na Poupança, representado cerca de 14%



da amostra, indo contra os aproximados 43% que responderam não aplicar nada neste produto.

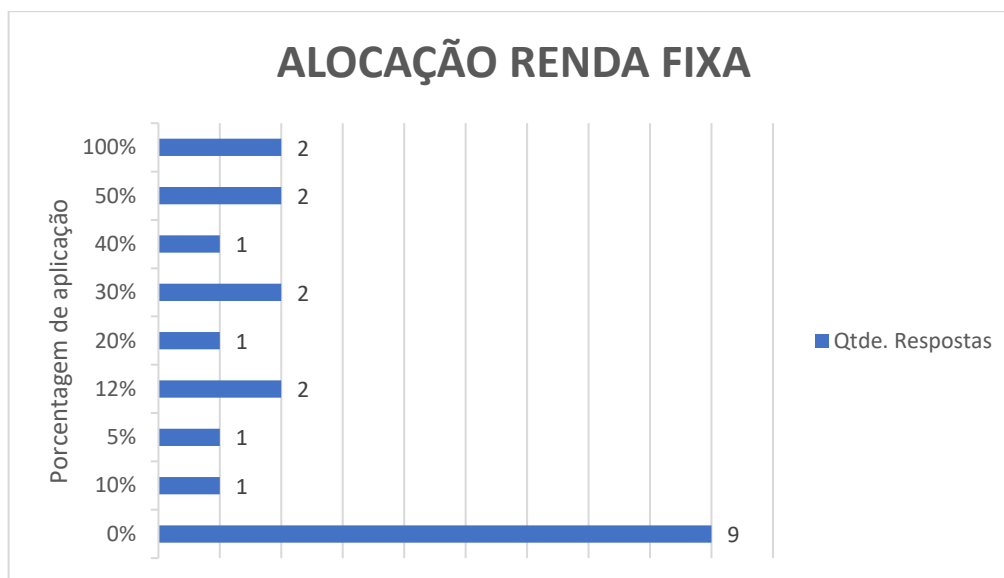
Gráfico 9 – Percentagens de aplicação na poupança



Fonte: Elaborado pelo autor

Seguindo a tendência da Poupança, 43% responderam não aplicar nenhum dinheiro em produtos de Renda Fixa, conforme demonstra o gráfico 10, havendo apenas 2 respondentes que disseram concentrar 100% dos seus investimentos em produtos do tipo. Os demais participantes informaram aplicar percentuais que variam entre 5% e 50%.

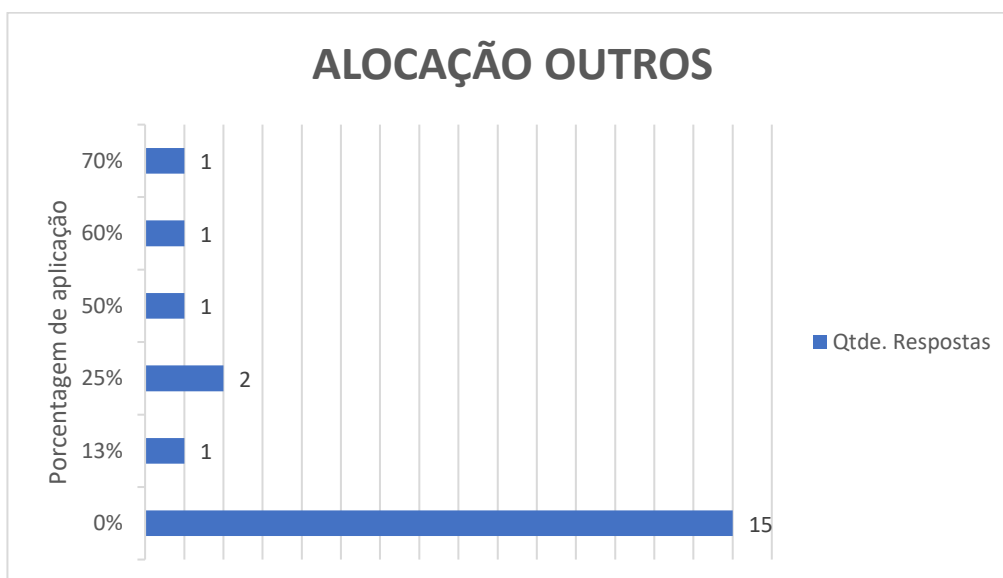
Gráfico 10 – Percentagens de aplicação em Renda Fixa



Fonte: Elaborado pelo autor

A última questão relacionada às alocações se refere a outros tipos de investimentos que não se enquadram nos descritos acima, podendo estes serem negócios próprios, imóveis, etc. Os resultados apresentam-se no gráfico 11.

Gráfico 11 – Percentagens de alocação em outros tipos de investimentos



Fonte: Elaborado pelo autor

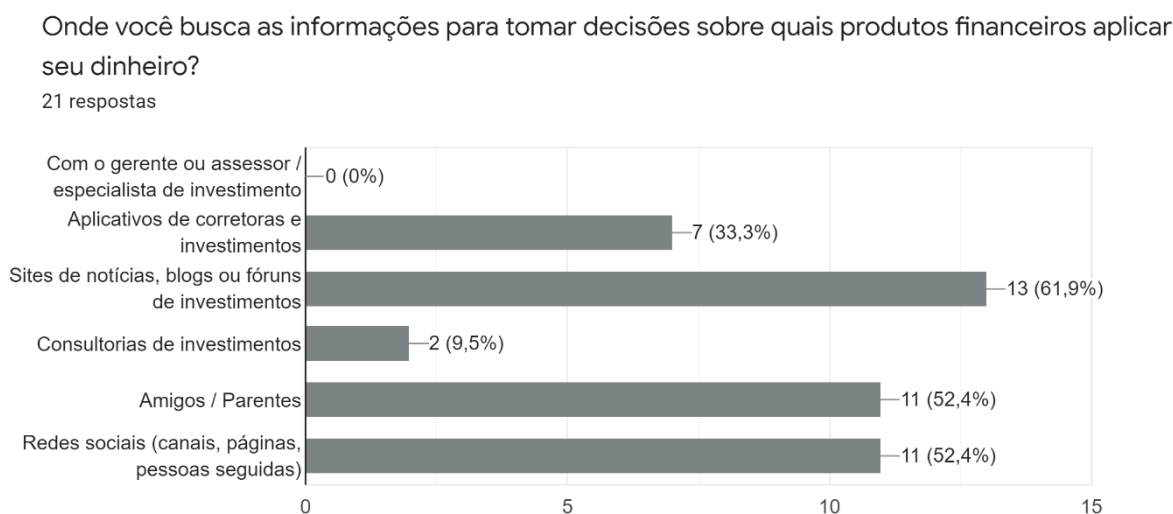
Dentre todos os tipos questionados, este foi o que maior obteve 0% como resposta, mostrando que mais de 71% dos participantes não utiliza nenhum outro tipo

de investimento, sendo que apenas 3 respostas informaram este tipo representar a metade ou mais de todo seu patrimônio investido.

A partir dos produtos financeiros utilizados e da verificação das alocações feitas por tipo e produto, foi possível identificar que mais de 85% dos investidores pesquisados fazem uso do instrumento de diversificação, já citado por Assaf Neto (2018), pois esses alocam seu capital entre diferentes tipos de investimentos e proporções, buscando diminuir os riscos através da distribuição entre ativos que não se correlacionem de alguma forma.

Após a identificação do perfil, das fontes usadas para se obter educação financeira, e os produtos utilizados, as demais questões são com relação ao segundo objetivo de pesquisa, que concerne as fontes utilizadas para obtenção de informações pertinentes as escolhas dos produtos financeiros onde aplicar o dinheiro. O gráfico 12 demonstra as opções selecionadas com suas respectivas proporções.

Gráfico 12 – Fontes de informações para tomada de decisão



Fonte: Elaborado pelo autor

A maior parte dos investidores pesquisados respondeu utilizar os sites de notícias, blogs ou fóruns de investimentos, sendo esta opção escolhida por aproximadamente 62% dos respondentes. Logo abaixo foram escolhidas as opções de amigos e/ou parentes, e as redes sociais, ambas com a mesma proporção de

52,4% de respostas. Os aplicativos de corretoras de investimentos são utilizados por 33,3%, enquanto que apenas 9,5% fazem uso de consultorias de investimentos.

Estes resultados corroboram com o ponto de vista de Carvalho, Cordeiro e Silva (2018) de que a internet pode ser considerada como um excelente ambiente para fomentar a educação financeira, dado que provê de uma vasta quantidade de informações e ferramentas que permitem a troca e a consolidação desse tipo de conteúdo virtualmente.

Conforme os resultados apresentados no gráfico 12, é possível identificar que existe uma diversificação nas fontes de informações utilizadas, com mais de 71% dos participantes respondendo utilizar mais do que uma fonte, estando entre estes, todos aqueles identificados com o perfil arrojado para investir.

Um aspecto interessante a ser destacado está nos respondentes que utilizam apenas uma fonte, pois os mesmos se enquadram no perfil conservador, sendo a metade desses, todos aqueles que utilizam somente seus amigos e/ou parentes como uma fonte de informação. Pode-se entender então que os investidores que correm mais riscos são os que buscam obter mais informações para apoiar suas decisões.

Logo em seguida, foi solicitado aos participantes que listassem alguns dos canais / páginas que os mesmos seguem / acompanham, a fim de entender melhor o impacto das redes sociais no assunto. A tabela 2 lista e enumera a contagem de vezes que cada página ou canal foi mencionado na pesquisa.

Tabela 2 - Páginas / Canais de mídias sociais

<b>Contagem</b>	<b>Páginas / Canais</b>	<b>Representação</b>
12	InfoMoney	57%
4	Primo Rico	19%
4	Me Poupe	19%
2	Investing	10%
2	TradeMap	10%
2	Suno Research	10%
2	Economista Sincero	10%
1	Yahoo Finanças	5%
1	Money Times	5%
1	Stock Pickers	5%
1	Status Invest	5%
1	Fundamentus	5%
1	Invest News	5%
1	Bastter	5%
1	YouTube	5%
1	Exame	5%
1	Funds Explorer	5%
1	Bruno Perini	5%
1	Canal do Holder	5%
1	Eduardo Cavalcanti	5%
1	Felipe Tadewald	5%
1	Lucas Pit	5%
1	Tiago Reis	5%
1	Familiares	5%

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com as informações fornecidas pelos participantes, pode-se observar que a página / canal do site InfoMoney foi o mais citado, sendo mencionado por 12 participantes diferentes, representando 57% da amostra. Os demais canais mencionados já formam um grupo mais distinto, havendo, para boa parte deles, apenas uma citação para cada.

Ao analisar as fontes citadas pelos próprios respondentes apresentadas na tabela 2, fica evidenciado que existe uma fonte em comum para pelo menos metade dos respondentes, sendo essa o website do InfoMoney. Porém, um dado que chama atenção é a quantidade de páginas e canais de redes sociais distintos que foram informados pelos mesmos participantes que utilizam o InfoMoney, bem como pelos demais participantes, acarretando em muitos resultados singulares, uma vez que muitas destas fontes citadas foi informada por apenas um participante.

Estes resultados podem demonstrar que, apesar de haver um senso comum para obtenção de informação e conteúdo de forma genérica e imparcial, como por

exemplo, pelo site do InfoMoney, os investidores também buscam informações complementares distintas, de acordo com a afinidade das informações perante as suas estratégias de investimentos, os produtos utilizados e seus objetivos individuais.

Isto pode ser compreendido pelo fato de que muitos dos canais informados são de indivíduos atuantes do mercado financeiro, que compartilham suas experiências, ideias e análises através de suas páginas nas mídias sociais, havendo muita diferença entre os conteúdos e as formas de abordagens adotadas por cada influenciador digital, como são assim chamados. Cada um pode falar de diferentes produtos de investimentos e estratégias, havendo uma influência que muitas vezes pode ser parcial ao perfil deste *influencer*.

Para uma melhor visualização e interpretação a respeito da utilização das redes sociais, é possível fazer um agrupamento diferente, conforme demonstrado na tabela 3.

Tabela 3 - Agrupamento de canais de redes sociais

Contagem	Páginas	Representação
16	Canais de Influenciadores	36%
12	InfoMoney	27%
2	Investing	4%
2	TradeMap	4%
2	Suno Research	4%
1	Yahoo Finanças	2%
1	Money Times	2%
1	Stock Pickers	2%
1	Status Invest	2%
1	Fundamentus	2%
1	Invest News	2%
1	Bastter	2%
1	YouTube	2%
1	Exame	2%
1	Funds Explorer	2%
1	Familiares	2%

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com o novo agrupamento, é possível perceber que a soma das redes sociais individuais mencionadas resulta na fonte mais utilizada pelos participantes. Isso pode demonstrar a força e o impacto que as mídias sociais têm, com relação a disseminação e a troca de conteúdo, indo de acordo com a teoria apontada por Lucci et al. (2006).

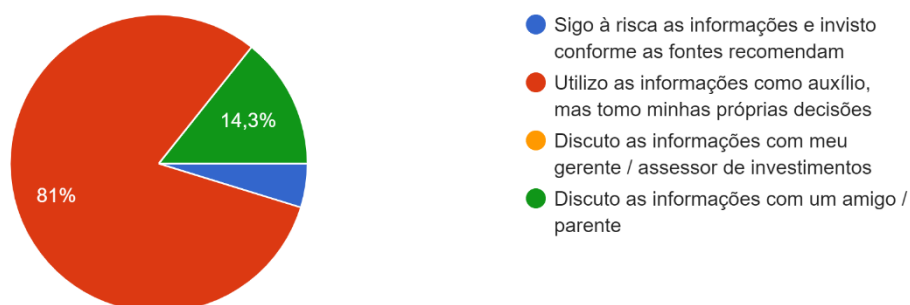
No entanto, é importante entender como são utilizadas as informações extraídas destas fontes, uma vez que Kauark, Manhães e Souza (2010) defendem que o fácil acesso à troca de informações também traz alguns riscos com relação a qualidade e a precisão dos dados trafegados pela rede. Isso abre margem para a próxima e última análise.

Após identificadas as fontes de informações utilizadas, foi feito o questionamento sobre como os investidores utilizam as mesmas na hora de tomar suas decisões sobre seus investimentos, a fim de buscar um esclarecimento para o último objetivo de pesquisa proposto. No gráfico 13 são informadas as porcentagens de cada resposta obtida.

Gráfico 13 – Tomada da decisão com base nas informações obtidas

Com base nas informações que você obtém, como você toma as decisões sobre seus investimentos?

21 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme o gráfico demonstra em sua maior proporção, 81% dos investidores utilizam as informações obtidas como apoio para tomar suas próprias decisões de investimento, indo contra os menos de 5% que disseram utilizar as informações à risca, investindo de acordo com as recomendações das fontes pesquisadas. Um pouco mais de 14% ainda respondeu discutir as informações com um amigo ou parente, antes de tomar alguma decisão.

Esses 81% que responderam utilizar as informações como auxílio, mas tomando suas próprias decisões, podem comprovar os resultados analisados anteriormente, sobre as fontes de conhecimento teórico, e a busca autônoma pela

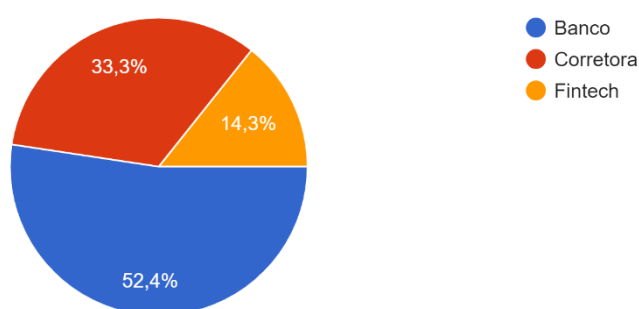
educação financeira por parte destes investidores, indo de acordo com a visão de Braunstein e Welch (2002) de que é necessário ter uma base de conhecimento no assunto para julgar e ponderar os dados adquiridos de determinadas fontes, como as redes sociais. Tais dados resultados também estão alinhados com o pensamento de Cortella (2009, p. 24) de que “transformar informação em conhecimento exige, antes de tudo, critérios de escolha e seleção, dado que o conhecimento (ao contrário da informação) não é cumulativo, mas seletivo.”

Outro dado correlacionado ao descrito acima está no fato de que 100% dos pesquisados responderam fazer a própria gestão dos investimentos. Mesmo com a metade deles ainda fazendo uso do banco para investir, conforme o gráfico 14, nenhum participante disse consultar ou utilizar seu gerente ou um assessor de investimentos para administrar suas aplicações, podendo comprovar a autonomia desse investidor. Esses dados chamam atenção também pela baixa participação dos bancos, mostrando a mudança de um padrão dominante aonde estes eram os principais atuantes no que se refere a gestão e consultoria de investimentos dos pequenos investidores.

Gráfico 14 – Plataformas utilizadas

Qual a plataforma que você utiliza para gerir seus investimentos?

21 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor

A autogestão a partir do conhecimento próprio e do senso crítico individual deste tipo de investidor, tende a reduzir os erros nas tomadas de decisões realizadas pelos mesmos, conforme o pensamento de Baker & Nofsinger (2002). Isto porque estes investidores tendem a sofrer menos influências externas que possam afetar o

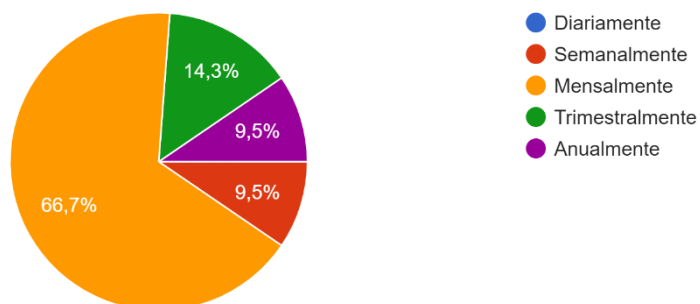


seu psicológico, diminuindo assim as falhas cognitivas durante o processo decisório, de acordo com a teoria estudada por Boguea e Barros (2008).

Gráfico 15 – Frequência de operações

Com que frequência você realiza operações nos seus investimentos?

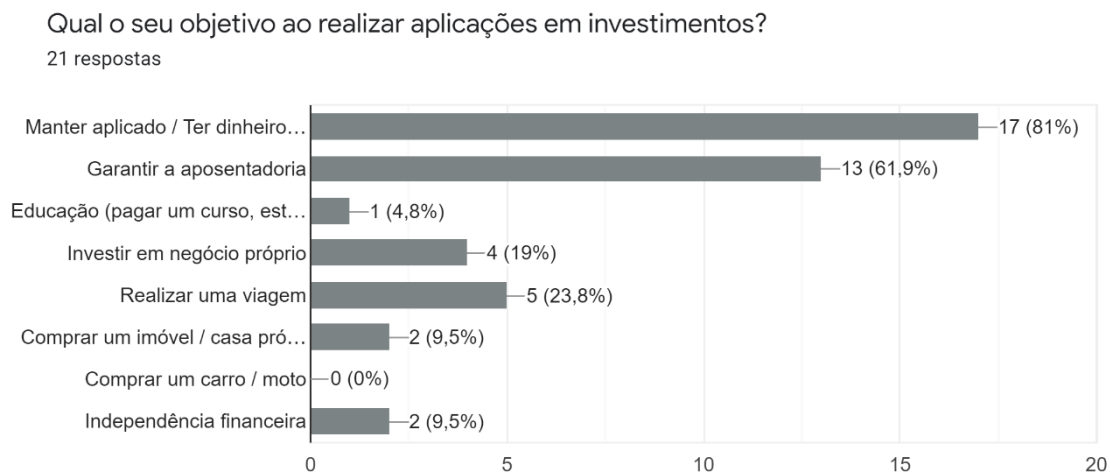
21 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor

Além disso, a frequência com que os mesmos realizam operações em seus investimentos ocorre, em grande parte, mensalmente, de acordo com o gráfico 15, podendo trazer o entendimento de que estes investidores estão instruídos e conscientes na hora de tomar suas decisões, buscando diminuir as incertezas dos seus resultados no longo prazo, visto que, o objetivo de mais de 95% destes é o de manter seu dinheiro aplicado ou garantir sua aposentadoria, conforme os objetivos apresentados nos gráfico 16.

Gráfico 16 – Objetivos dos investidores com o uso de investimentos



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao perceber que esses investidores têm tido um foco maior no longo prazo, se preocupando com sua aposentadoria, é possível concluir que os mesmos não pretendem fazer parte das estatísticas apontadas por Meneghetti et al. (2014), onde dois em cada três aposentados retornam ao mercado de trabalho por falta de planejamento financeiro. Isso corrobora também com a visão de Gaspar (2011), de que estes indivíduos prezam pela sua qualidade de vida através da sua saúde financeira, dado que a falta da mesma pode desencadear outros problemas que vão além das finanças.

Neste capítulo, foram analisados os dados da pesquisa levantados mediante a aplicação do questionário, visando esclarecer os objetivos propostos e o problema de pesquisa definido para o presente trabalho. No próximo capítulo apresentam-se as considerações finais do autor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho era de verificar as ferramentas que auxiliam o pequeno investidor brasileiro, dado que a definição do problema de pesquisa se deu a partir do rápido aumento deste tipo de investidor no mercado financeiro. A partir disso, buscou-se verificar se existe uma relação deste crescimento com o aumento dos conteúdos relacionados ao assunto nas mídias digitais. A análise foi feita através de um questionário online composto de 18 perguntas, havendo um total de 21 respostas coletadas em uma população restrita aos indivíduos que possuem ao menos algum tipo de investimento.

Para se analisar o objetivo geral proposto, foi necessário estabelecer 3 objetivos específicos, para entender como este investidor se posiciona perante aos diferentes ativos financeiros disponível no mercado, e como se forma sua instrumentação para tomada de decisão referente ao assunto.

O primeiro objetivo visava identificar o perfil do investidor. Conforme os dados analisados, foi possível perceber que ainda são os homens quem mais se interessa pelo assunto, mostrando que há muita margem para fomentar a diversidade de gênero no universo dos investimentos. Além disso, ficou possível entender que não existe uma relação do assunto com o nível de formação acadêmico e o poder aquisitivo dos indivíduos, mostrando que investir só depende do interesse, da necessidade e da disposição de cada pessoa na busca pela educação financeira.

O segundo objetivo era de identificar as fontes utilizadas para obter informações sobre o mercado e seus produtos, do qual foi possível concluir que as redes sociais têm desempenhado o papel principal na disseminação do assunto e de conteúdo relacionado. A velocidade e o fácil acesso às informações dispostas por este meio tendem a continuar contribuindo com a democratização do assunto, tanto como uma forma de despertar a curiosidade e o interesse de seus participantes, bem como por contribuir com a instrumentalização dos mesmos, quando utilizada de forma coerente e com uma base de conhecimento prévio.

O terceiro objetivo era entender a relação do processo decisório dos investidores com as informações que obtém. A partir da análise e cruzamento dos dados da pesquisa, foi possível perceber que esse investidor tem sido autônomo na gestão e nas decisões dos seus investimentos, buscando ferramentas que possam

garantir trazer um conhecimento teórico sobre o assunto, que sirvam como base para a validação das informações encontradas nas mídias digitais. Isto porque este investidor demonstrou conhecer os instrumentos de investimentos abordados na teoria deste trabalho, tais como: risco, retorno, liquidez, diversificação e os diferentes produtos de investimentos apresentados. Além do mais, este investidor toma suas decisões pensando no longo prazo, buscando equilibrar bons retornos e segurança, de forma a correr riscos controlados, o que requer um certo nível de conhecimento.

Conclui-se assim que os pequenos investidores estão somente no início da sua jornada financeira no que tange o ambiente brasileiro. Atraídos pela popularização do tema, e estimulados pela ampla fonte de informação, estes investidores tendem a continuar aumentando sua participação no mercado financeiro, mostrando que não existem barreiras para se investir a não ser o conhecimento, sendo possível o obter de forma independente.

Devido à importância, a complexidade e a dimensão do tema, além do aumento do conteúdo disseminado pelas mídias digitais, indica-se uma abordagem mais profunda sobre a qualidade dos dados disponibilizados por estes meios, bem como a relação desses com os elementos que compõem a área das finanças comportamentais, a fim de entender melhor como os indivíduos se comportam aos estímulos providos das informações do ambiente que estão inseridos, e o impacto disso no seu processo decisório.

## REFERÊNCIAS

APUD, Mateus. Por que investidores estrangeiros estão voltando à B3. **Estadão**. 9 jul 2020. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/mercado/investidores-estrangeiros-voltam-b3>. Acesso em: 10 set 2020.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado Financeiro**. 14ª ed. São Paulo: Atlas, 2018.

ÁVILA, Flávia; BIANCHI, Ana Maria. **Guia de Economia Comportamental e Experimental**. 1ª ed. São Paulo: EconomiaComportamental.org, 2015.

BAYER, Patrick J.; BERNHEIM, Douglas B; SCHOLZ, John Karl. **The Effects of Financial Education in the Workplace: Evidence from a Survey of Employers**. Publicado em Janeiro, 2008. Disponível em: [https://www.ssc.wisc.edu/~scholz/Research/Financial\\_Education.pdf](https://www.ssc.wisc.edu/~scholz/Research/Financial_Education.pdf). Acesso em: 2 nov 2020.

BODIE, Zvi; KANE, Alex; MARCUS, Alan J. **Fundamentos de investimentos**. 9 ed. Porto Alegre: AMGH, 2014

BOGEA, Felipe; BARROS, Lucas A. B. de Campos. **Processo de tomada de decisão do investidor individual brasileiro no mercado acionário nacional**. *Gestão e Regionalidade*, v. 24, n. 71, jul. 2008.

CARVALHO, Leandro Oliveira; CORDEIRO, Nilton J. Neves; SILVA, Márcio Nascimento. **Sites da internet: uma possibilidade de recurso para o ensino de educação financeira**. *Boletim Cearense de Educação e História da Matemática* - v.05, n.15, p.19-33: 2018.

CORTELLA, M. S. **Não Nascemos Prontos!:** Provocações Filosóficas. Editora Vozes, 19ª. Ed., 2009.

GASPAR, Marina. **A importância da Educação Financeira na Gestão das Finanças Pessoais**: Uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. Disponível em <https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/32>.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GITMAN, Lawrence J.; JOEHNK, Michael D. **Princípios de investimentos**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2001.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 12 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GREENSPAN, A. **The importance of financial education today**. Social Education - v.69, n.2, p. 64-67: Mar. 2005.

GREGORIO, Rafael. **Valor Econômico**: Pandemia leva brasileiro a pensar mais nas finanças. 23 nov. 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2020/11/23/pandemia-leva-brasileiro-a-pensar-mais-nas-financas.ghtml>. Acesso em: 23 nov. 2020.

GUERATTO, Fabrizio. O coronavírus vai revolucionar a educação financeira no Brasil. **Estadão**. 21 mai 2020. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/coluna/fabrizio-gueratto/o-coronavirus-vai-revolucionar-a-educacao-financeira-no-brasil>. Acesso em: 3 set 2020.

HALFELD, Mauro. **Investimentos: como administrar melhor o seu dinheiro**. 1 ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2001.

HALPERN, Mauro. **Gestão de investimentos: produtos, perfil e riscos**. São Paulo: Saint Paul Institute of Finance, 2003.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KLEIN, Amarolinda; ...[et al.]; **Metodologia de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LUCCI, Cintia Retz; ZERRENNER, Sabrina Arruda; VERRONE, Marco Antonio Guimarães; SANTOS, Sérgio Cipriano. **A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos**. Disponível em: [http://sistema.semead.com.br/9semead/resultado\\_semead/trabalhosPDF/266.pdf](http://sistema.semead.com.br/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/266.pdf)

MENOS de um quarto dos brasileiros investe em produtos financeiros. **Anbima**. 9 nov. 2017. Disponível em: [https://www.anbima.com.br/pt\\_br/imprensa/menos-de-um-quarto-dos-brasileiros-investe-em-produtos-financeiros2CA08A9A632885AD01632E582BB23D8C.htm](https://www.anbima.com.br/pt_br/imprensa/menos-de-um-quarto-dos-brasileiros-investe-em-produtos-financeiros2CA08A9A632885AD01632E582BB23D8C.htm). Acesso em: 4 set. 2020.

QUINTINO, Larissa; MENDES, Felipe. **Veja: O Fascínio pela Bolsa**. São Paulo: Abril, 2020.

RUBINSTEINN, Gabriel. **Exame: Pesquisa: brasileiros desconhecem open banking e só 15% entendem o Pix**. 10 nov. 2020. Disponível em: <https://exame.com/future-of-money/pix-open-banking/pesquisa-brasileiros-desconhecem-open-banking-e-so-15-entendem-o-pix/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

RICHARDSON, Robert Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo:Atlas, 1999.

SILVA, Lisiane Vasconcellos; ... [et al.]. **Metodologia de pesquisa em Administração: uma abordagem prática**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2012.

SPERANDIO, Luan. Por que o Brasil é um país de analfabetos financeiros – e como isso atrapalha a nossa vida. **Gazeta do Povo**. 8 ago 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/brasil-pais-dos-analfabetos-financeiros/>. Acesso em: 3 set 2020.

TAXAS de juros básicas – histórico. **Banco Central do Brasil**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/historicotaxasjuros>. Acesso em: 4 set 2020.

MACEDO JR., Jurandir Sell. **A Árvore do Dinheiro**. Florianópolis: Insular, 2013.

MALHOTRA, N. R. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MANICA, Eliseu. **Investing**: São os Investidores Pessoa Física Responsáveis pela Alta das Bolsas? 27 jul 2020. Disponível em: <https://br.investing.com/analysis/sao-os-investidores-pessoa-fisica-responsaveis-pela-alta-das-bolsas-200436405>. Acesso em: 28 set 2020.

MATTA, R. O. B.; AMARAL, S. A. **Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal**. IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

MENEGHETTI NETO, Alfredo. **Educação Financeira**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2014.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flavia de Angelis. **Paradigmas da educação financeira no Brasil**. Rio de Janeiro: RAP, 41(6):1121-41. Nov./Dez. 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-76122007000600006](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122007000600006). Acesso em: 2 nov 2020.



## APÊNDICE I – PLANILHA DE RESPOSTAS



Investidores%20Ind  
ividuais%20-%20Ané